

# A “Dezembrada” de Caxias

**Maj R1 Edgley Pereira de Paula\***

*Quando Caxias passava no seu uniforme de Marechal do Exército, ereto e elegante, apesar da idade, todos nós nos perfilávamos reverentes e cheios de fé. Não era somente respeito devido a sua alta posição hierárquica. Havia mais a veneração religiosa e admiração sem limite. Ele poderia fazer dos seus soldados o que quisesse, desde um herói até um mártir. Por isso, quando ele passou pela frente do desesseis (de infantaria), com as faces incendiadas e a espada curva desembainhada, foi preciso nosso comandante comandar – Firme! – para que não o seguissemos todos.*

Descrição do alferes Dionísio Cerqueira, da ação de Caxias em Itororó, em 6 dezembro de 1868.

Luiz Alves de Lima e Silva é descrito por biógrafos de sua época como um homem de andar garboso, de estatura mediana, de feições serenas e olhos castanhos, com cabeça e busto cheios de nobreza e dignidade. Inicio minha abordagem sobre o maior ícone da liderança militar brasileira com a intenção de trazer esse homem comum do Brasil do século XIX, importante período da nossa história, que certamente foi determinante para a construção do que é hoje nosso país. Digo isso porque, ao analisar mais detidamente os fatos e acontecimentos dessa época, percebo que foram justamente as ações e a dedicação de certos personagens que fizeram a diferença no desenvolvimento da nossa história-pátria. E Caxias fulgura entre os principais.

---

\* Major R1 do Quadro Complementar de Oficiais (QCO/História), da turma de 2004. Bacharel, licenciado e mestre em história pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e doutor em história contemporânea pela Universidade de Coimbra, Portugal. Atua como consultor cultural e pesquisador em diversas instituições, inclusive na Assessoria de Liderança e Valores Militares (ALVM), do DECEX, na qual é editor dos *Cadernos de Liderança*.



Barão de Caxias  
Autor desconhecido, 1844

Fonte: Acervo da Sala de Provedores da  
Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre

Nascido em 25 de agosto de 1803, a vida de Luiz Alves confunde-se com a própria criação, consolidação e apogeu do Império Brasileiro. De fato, soldado desde jovem, Luiz Alves lutou nas guerras de independência em terras baianas, pacificou províncias conflagradas e conduziu as armas nacionais à vitória nos vários conflitos da bacia do Prata. Com extrema habilidade, enfrentou desafios e foi bastante respeitoso com seus adversários nos campos de batalha, nunca deixando que fossem subjugados ou vilipendiados em suas honras militares.

Internamente, restabeleceu o império da ordem, preservou as instituições, recompôs a coesão nacional e salvou a unidade do Brasil, tão ameaçada no Período Regencial. Daí ter passado à história com o cognome de “O Pacificador”. No ambiente externo, num período marcado por fronteiras ainda fluidas, de mapas e cartas topográficas imprecisas e carentes de legitimação internacional e em consolidação pelas forças das armas, Caxias, como comandante em chefe do Exército Brasileiro em campanha, fez a diferença, serviu ao regime e ao governo monárquico porque, antes de tudo, servia à causa nacional brasileira. Não à toa, em carta ao compadre Visconde do Rio Branco, pai do Barão do Rio Branco, de quem Luiz Alves era padrinho, escreveu durante a conturbada Questão Christie, no início da década de 1860:

“ – Não se pode ser súdito de nação fraca!”

Interessante que uma de suas maiores qualidades foi a de colocar os interesses do Brasil acima dos interesses partidários que animavam grupos organizados da política nacional na acepção dos cargos públicos. Por seus consagradores triunfos militares, poderia também enveredar pelo caminho do caudilhismo, tão comum nos países latinos que passavam pelo mesmo processo de construção dos seus Estados-Nacionais nesse momento histórico.

No Brasil, graças à ação de figuras como Luiz Alves de Lima e Silva, o processo se deu de uma maneira bastante singular, o que irá garantir a integridade territorial. Quando D. Pedro II iniciou o seu período de governo, após o Golpe da Maioridade, em 1840, herdou os erros e os desencontros, a confusão e a agitação da Regência. O país atravessava um abalo econômico profundo de que não se livraria rapidamente. Mas, para a solução desses desequilíbrios, o econômico e o político, o regime demonstrou uma notável vitalidade.

Assim, os 10 primeiros anos do Segundo Reinado foram marcados por uma obra verdadeiramente apoteótica: reprimir as rebeliões internas, dominar a possibilidade de novos levantes e incorporar decisivamente ao Império, como forças produtivas, pacíficas e vivas, os grupos que tentavam se divorciar dele. Em suma, integrar a nação num só corpo, nos seus destinos e no seu território, pela generalidade de princípios e pela força necessária para levar a autoridade central da Corte do Rio de Janeiro a todos os recantos da terra imensa e dividida.

“

Eis a missão que bem cumpriu Luiz Alves: onde quer que tenha havido um movimento rebelde, ele esteve. Poderia vencer, destroçando e mortificando, pela violência, após cada vitória militar. Preferiu, com sabedoria, poupar e transigir. A sua transigência, entretanto, não foi proveniente nem de fraqueza nem de incapacidade, mas, sim, de lucidez e de força moral, porque se realizou depois de consumada a posse definitiva dos pontos almejados e do território onde a agitação dominava.

”

Em meados do século XIX, o Império do Brasil estava em paz, mas então vieram as convulsões externas. Primeiro, conflitos pontuais, no Uruguai e na Argentina e, depois, a maior das guerras já vista em terras sul-americanas, que duraria mais de cinco anos: A Guerra da Tríplice Aliança (de novembro de 1864 a março de 1870). Como consequência, essa trágica guerra trouxe consigo uma realização admirável: a obra definitiva da unificação. Todas as províncias forneceram homens que combateram pela mesma bandeira, o mesmo hino, a mesma causa, e os brasileiros, enfim, sentiram-se irmanados.

Decerto, iniciada a guerra contra o invasor paraguaio, formou-se uma improvável aliança entre o Império do Brasil e as Repúblicas da Argentina e do Uruguai. Pensava-se, à época, que esse conflito seria rápido e fácil, de modo que os jornais prognosticavam a brevidade do conflito: “Em três dias nos quartéis, em quinze no acampamento, em três meses em Assunção”. Nesse cenário, o velho e invicto general, por questões partidárias, foi deixado de lado, pois se acreditava que não seria preciso contar com sua atuação nos campos de batalha.

O desenvolvimento dos combates, no entanto, mostrou outras perspectivas. O prolongamento da guerra com avanços e retrocessos, vitórias e derrotas de ambos os lados, além da imensa quantidade de mortes, seja em combate, seja por doenças, acabou levando as forças ao limite da exaustão. Foi nesse contexto, após a derrota aliada no combate de Curupaiti, em 22 de setembro de 1866, que o governo brasileiro decidiu chamar seu maior soldado: Luiz Alves de Lima e Silva, o então Marquês de Caxias, que já se encontrava com seus 63 anos.

Dada a missão, lá foi Caxias assumir o comando das forças brasileiras no momento mais crítico da guerra. Diversos acontecimentos se precipitaram em decorrência desse crítico período para as forças aliadas: o comandante das forças uruguaias, o general Venâncio Flores, retirou-se para o seu país, onde posteriormente seria assassinado. Explodiram, ainda, rebeliões em várias províncias interioranas argentinas, forçando o comandante em chefe do Exército Aliado, o general Bartolomeu Mitre, a também retirar-se com mais de 5.000 soldados argentinos para tentar conter a guerra civil que se instalava por toda parte.



Militares brasileiros na Guerra do Paraguai  
Fotografia, 1869  
Fonte: bdigital.bn.gov.br



Nomeado em outubro, já em 17 de novembro de 1866, o general brasileiro chegou ao forte de Itapiru, no Passo da Pátria, em território paraguaio. Deixemos o próprio Caxias contar como encontrou o Exército Brasileiro:

“

O 1º Corpo de Exército ocupava Tuiuti e o 2º Corpo Curuzú. Cavalos só cerca de 3.000 e em mau estado. A cavalaria do 2º Corpo estava a pé. Não havia carros e bois de carretas para qualquer movimento. Os dois Corpos de Exército pareciam de países diferentes tal as disparidades que apresentavam. Era preciso centralizar tudo. E isso demandava tempo... Cumpro o dever de lealdade declarando que, em todo esse trabalho, sempre fui perfeita e completamente auxiliado pelo governo (Gabinete Liberal) de quem recebi as maiores provas de confiança que era possível receber. Assim correram as coisas nos primeiros 14 meses.

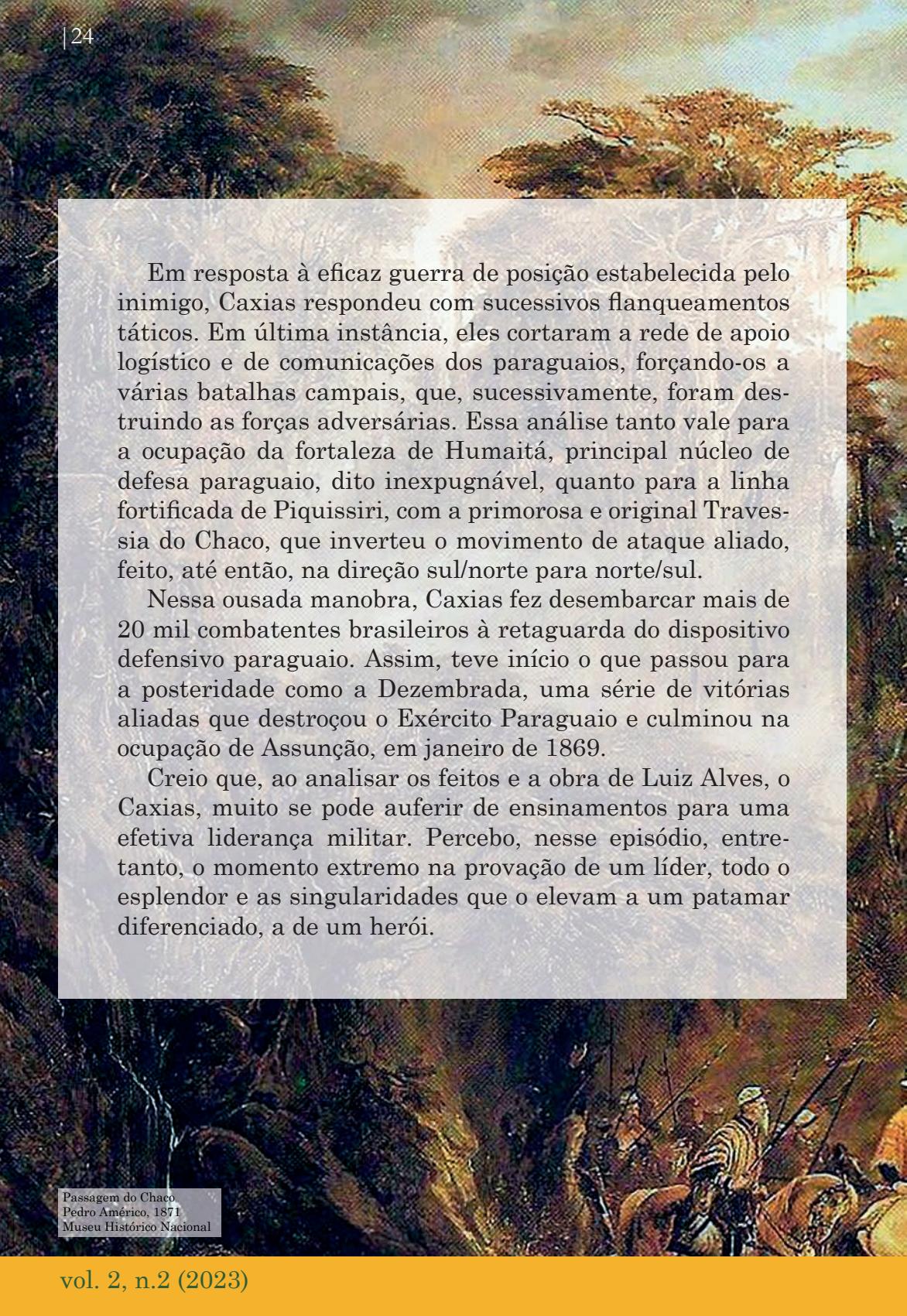
”

Evidencia-se, nessa fase do conflito, que a organização militar ainda obedecia ao padrão precário das lutas dos estancieiros e caudilhos do sul em seus constantes entrechoques fronteiriços. O contingente agora empregado, entretanto, era tão numeroso que não podia viver apenas do terreno, isto é, do saque ou de apoio de algum aliado local.

Esses chefes militares, em sua maioria, eram oficiais da Guarda Nacional e grandes proprietários de terras dos seus países. Com experiência de comando de tropas de pequenos efetivos ou de grupos e esquadrões de cavalarianos armados, muitos peões de suas próprias fazendas, viram-se, nesse momento, às voltas com as complexidades logísticas de organização de um grande contingente militar. Surgiram, então, demandas urgentes relacionadas às questões sanitárias, confecções de mapas dos terrenos inexplorados, comércio nos acampamentos, dentre outras, que uma guerra moderna para os padrões da época exigia.

Somente com a chegada do Marquês de Caxias ao teatro de operações é que se passou a ter uma atenção sistemática para com os aspectos organizacionais do exército em campanha. Indiscutivelmente, o líder militar de maior prestígio do Império quebrou vários paradigmas da época e foi o grande responsável pela inovação em táticas e estratégias, utilizando-se de experiências e novas tecnologias adotadas nas guerras mais recentes da época, a exemplo da Secessão Americana (1860-65) e a da Crimeia (1853-56).

A conduta da guerra empreendida por Caxias foi decisivamente um ponto de inflexão se analisarmos todo o conflito. Influenciou, inclusive, no recrutamento de novos combatentes. Se, no início dos combates, coube à província do Rio Grande do Sul o maior número de soldados, a partir de 1867, essa participação decaiu bastante. Regiões mais distantes do teatro de operações, como o Norte e o Nordeste, contribuíram, durante os anos de 1867 e 1868, com a maior parte das tropas enviadas ao Paraguai. Províncias como Bahia, Pernambuco e Minas Gerais recrutaram muito mais que aquelas normalmente acostumadas às convocações guerreiras devido aos recorrentes problemas de fronteira. Tal situação atestou o desgaste proporcionado pela prolongada guerra e a consequente necessidade de se dar à extenuante campanha militar uma dimensão de esforço nacional.



Em resposta à eficaz guerra de posição estabelecida pelo inimigo, Caxias respondeu com sucessivos flanqueamentos táticos. Em última instância, eles cortaram a rede de apoio logístico e de comunicações dos paraguaios, forçando-os a várias batalhas campais, que, sucessivamente, foram destruindo as forças adversárias. Essa análise tanto vale para a ocupação da fortaleza de Humaitá, principal núcleo de defesa paraguaio, dito inexpugnável, quanto para a linha fortificada de Piquissiri, com a primorosa e original Traversia do Chaco, que inverteu o movimento de ataque aliado, feito, até então, na direção sul/norte para norte/sul.

Nessa ousada manobra, Caxias fez desembarcar mais de 20 mil combatentes brasileiros à retaguarda do dispositivo defensivo paraguaio. Assim, teve início o que passou para a posteridade como a Dezembrada, uma série de vitórias aliadas que destroçou o Exército Paraguaio e culminou na ocupação de Assunção, em janeiro de 1869.

Creio que, ao analisar os feitos e a obra de Luiz Alves, o Caxias, muito se pode auferir de ensinamentos para uma efetiva liderança militar. Percebo, nesse episódio, entretanto, o momento extremo na provação de um líder, todo o esplendor e as singularidades que o elevam a um patamar diferenciado, a de um herói.

Passagem do Chaco  
Pedro Américo, 1871  
Museu Histórico Nacional

Decerto, após a queda da fortaleza de Humaitá, as forças paraguaias foram obrigadas a recuar para um novo dispositivo. As tropas aliadas partiram em perseguição, entretanto se depararam com uma nova linha defensiva estabelecida ao longo do arroio Piquissiri, que barrava o acesso até Assunção.

Foi nesse contexto que Caxias achou por bem evitar o confronto direto no local e elaborou uma ousada operação, a manobra do Piquissiri. Determinou a construção de uma estrada de 11 quilômetros de extensão pelo pantanoso Chaco, seguindo a margem direita do rio Paraguai, ao longo de 23 dias. Enquanto isso, divisões brasileiras e argentinas ocupavam-se da linha de frente, em Piquissiri, com o objetivo de fixar o inimigo naquela posição original, de maneira a levá-lo a crer que o ataque viria frontalmente à posição.

Na execução da manobra, três corpos do Exército Brasileiro, totalizando 23 mil soldados, foram transportados para a margem direita do rio e percorreram a estrada construída até o nordeste. Desembarcaram, então, 20 quilômetros à retaguarda das forças paraguaias em Piquissiri. A surpresa foi geral. Seguiu-se uma série de batalhas vencidas pelos aliados, naquele mês de dezembro de 1868: Itororó (6 de dezembro); Avaí (11 de dezembro); Lomas Valentinas (21 e 27 de dezembro) e, finalmente, a rendição do forte de Angustura (30 de dezembro).



O Marquês de Caxias em Itororó  
Pedro Américo, 1872  
Museu Imperial de Petrópolis

Desses combates, restam-nos algumas preciosidades que são dignas de registro e devem ser sempre lembradas. Como exemplo, vale recordar de um episódio, durante a Batalha de Itororó, da qual o próprio Caxias teve que participar. Quem nos conta o ocorrido é uma testemunha ocular do episódio, o então alferes Dionísio Cerqueira (1980), em suas *Reminiscências da Campanha do Paraguai*:

“

Passou pela nossa frente, animado, ereto no cavalo, o boné de capa branca com tapa-nuca, de pala levantada e preso ao queixo pela jugular, a espada curva desembainhada, empunhada com vigor, e presa pelo fiador de ouro, o velho general-chefe, que parecia ter recuperado a energia e o fogo dos vinte anos. Estava realmente belo. Perfilamo-nos como se uma centelha elétrica tivesse passado por todos nós. Apertávamos o punho das espadas, e ouvia-se num murmúrio de bravos ao grande marechal. O batalhão mexia-se agitado e atraído pela nobre figura, que abaixou a espada em ligeira saudação aos seus soldados.

O comandante deu a voz de firme. Dali a pouco, o maior dos nossos generais arrojava-se impávido sobre a ponte, acompanhado dos batalhões galvanizados pela irradiação da sua glória. Houve quem visse moribundos, quando ele passou, erguerem-se brandindo espadas ou carabinas para caírem mortos adiante. A carga foi irresistível e o inimigo completamente feito em pedaços. As bandas tocaram o hino nacional, cujas notas sugestivas se mesclararam com a alvorada alegre, repetida pelos corneteiros que ainda viviam.

”



Batalha do Avaí, detalhe  
Pedro Américo, 1872-1877  
Museu Nacional de Belas Artes



Vencidas as Batalhas de Itororó e Avaí, o inimigo reagrupou-se em Lomas Valentinas e no forte de Angustura, quando então Caxias lançou uma Ordem do Dia<sup>2</sup> que é um primor:

### Camaradas!

*O inimigo, vencido por vós, na Ponte do Itororó e no Arroio Avahy, nos espera na Lomba Valentina com os restos do seu exercito. Marchemos sobre elle, e, com esta batalha mais teremos concluido nossas fadigas, e provações. O Deus dos exercitos está comnosco! Eia! Marchemos ao combate, que a victoria é certa porque o general, e amigo, que vos guia, ainda até hoje não foi vencido.*

**VIVA O IMPERADOR!**



Passagem e tomada da ponte sobre o Arroio Itororó  
Angelo Agostini, A Vida Fluminense, 1869  
Fonte: [bndigital.bn.gov.br/acervo digital](http://bndigital.bn.gov.br/acervo/digital)

Outro episódio pouco conhecido é a carta proposta por Caxias intimando à rendição as tropas paraguaias. Tal iniciativa foi uma forma de poupar muitas vidas de ambos os lados, com destaque para a superioridade em pessoal e meios, além da desproporção de forças em combate a favor dos exércitos aliados. A proposta, contudo, foi rechaçada. Seguiu-se então o combate pelas armas, até a rendição do forte de Angustura e a consequente ocupação de Assunção, em janeiro de 1869. Nesse momento, Caxias, com seus 65 anos de idade, já adoecido e convencido de que a guerra estratégicamente estava vencida, retirou-se para o Brasil.



Por suas ações como líder militar brasileiro, na Campanha do Paraguai, foi elevado ao título de duque em 23 de março de 1870, tornando-se a única pessoa a receber tal título durante os 58 anos de reinado de D. Pedro II. Anos depois, já com idade avançada, Caxias resolveu retirar-se para o interior de sua terra natal, a província do Rio de Janeiro, na fazenda Santa Mônica, na estação ferroviária do “Desengano”, hoje município de Valença.

No dia 7 de maio de 1880, às 20 horas e 30 minutos, deu seu último suspiro em vida. No dia seguinte, chegou, em trem especial, à estação do Campo de Santana, o seu corpo, vestido com o mais modesto uniforme de marechal de exército, trazendo ao peito apenas duas das suas numerosas condecorações: a Medalha do Mérito Militar e a Medalha Geral da Campanha do Paraguai, tudo consoante suas derradeiras vontades expressas.



Estação da estrada de ferro Central do Brasil  
Marc Ferrez, c. 1890. Rio de Janeiro, RJ  
Convênio Instituto Moreira Salles – Leibniz-Institut für Länderkunde  
Fonte: <https://brasiliayanafotografica.bn.gov.br/>

Deixa-nos um testamento que é revelador de seu singular caráter:

*(...) quero que meu enterro seja feito, sem pompa alguma, e só como irmão da Cruz dos Militares, no grau que ali tenho. Dispensando o estado da Casa Imperial, que se costuma mandar aos que exercem o cargo que tenho. Não desejo mesmo, que se façam convites pro meu enterro, porque os meus amigos, que me quiserem fazer este favor, não precisam dessa formalidade (...)*

*(...) Logo que eu falecer, deve o meu testamenteiro fazer saber ao Quartel-General e ao ministro da Guerra que dispenso as honras fúnebres que me pertencem como marechal do Exército e que só desejo que me mandem seis soldados, escolhidos dos mais antigos, e melhor conduta, dos corpos da guarnição, pra pegar as argolas do meu caixão, a cada um dos quais o meu testamenteiro, no fim do enterro, dará 30\$000 de gratificação.*

Rio de Janeiro, 23 de abril de 1874  
 (Carvalho, 1976, p. 292)





Estátua do Duque de Caxias  
Photographias D. Federal  
Fonte: [bndigital.bn.gov.br/acervodigital](http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital)



Pátio das Batalhas – Exército Brasileiro  
Vídeo “A Desembrada”  
Maj R1 Edgley Pereira de Paula



Medalha Geral da Campanha do Paraguai - 1870<sup>3</sup>

## Notas

<sup>1</sup> Annaes do Senado do Império do Brasil. Segunda Seção em 1870 da 14<sup>a</sup> Legislatura, de 1 a 31 de julho. Vol. II, p. 37.

<sup>2</sup> Ordem do Dia nº 269, de 21 de dezembro de 1868, do comandante em chefe das Forças Brasileiras em operações no Paraguai.

<sup>3</sup> Criada pelo Decreto nº 4.560, de 6 de agosto de 1870, para premiar os que fizeram parte do Exército em operações contra o governo do Paraguai. A fita representa as cores da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai). Possui 5 linhas de igual largura, dispostas da esquerda para direita: verde, branca, azul, branca e amarela. No anverso, traz a legenda “Campanha do Paraguai” e, no verso, a data “6-1870-8” (6 de agosto de 1870), do Decreto que a instituiu. Era usada do lado esquerdo do peito, pendente de fita, e com o passador. Este, de ouro para generais e oficiais superiores; de prata para os demais oficiais; e de bronze para praças. No centro do passador, o número de 1 a 5 para indicar o período em campanha, cada um representando um ano.

Fonte: <http://ebacervo.eb.mil.br/>

## Referências

CARVALHO, Afonso de. *Caxias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976.

CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da Campanha do Paraguai, 1865-1870*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1980.